

A  
VERDADE TRIUNFANTE,  
ELOGIO DRAMMATICO,

E  
ALLEGORICO  
PARA SE REPRESENTAR

N O  
REAL THEATRO  
DA CORTE

D O  
RIO DE JANEIRO,  
NO GRANDE, E PLAUSIVEL DIA NATALICIO

D A  
RAINHA NOSSA SENHORA,  
COMPOSTO, E OFFERECIDO

A  
SUA ALTEZA REAL

O  
PRINCIPE REGENTE  
NOSSO SENHOR

P O R  
ANTONIO BRESSANE LEITE.



NA IMPRESSÃO REGIA. 1811.

Por Ordem de S. A. R.

Handwritten in ink: *1811*  
*26.195*

WAN  
869.249  
L537 3

## ACTORES.

A VERDADE	{	<i>Joaquina Lapinha.</i>
O GENIO LUSITANO		<i>Maria Candida.</i>
LISIA		<i>Francisca de . . .</i>
O ENGANO		<i>Antonio Ferreira.</i>

Acompanhamento de Povo , que fórma o Coro.

---

## SCENAS.

- 1.<sup>a</sup> Vista de Campina deliciosa com arcos formados de verdes arbustos, e flores, por onde ha de entrar o Carro do Triunfo da Verdade acompanhado do Povo.
- 2.<sup>a</sup> Huma nuvem brilhante, em que baixa Lisia, e o Genio Lusitano.
- 3.<sup>a</sup> Templo magnifico consagrado á RAINHA NOSSA SENORA, que Deos guarde, no meio do qual estará hum grupo elevado, formado por Virtudes, que sustentão nos braços os Retratos de S. MAGESTADE, e do PRINCIPE REGENTE NOSSO SENHOR, no alto do qual grupo estarão dois Genios suspensos no ar, que segurão huma coroa, que guarnece os ditos Retratos.

\*\*\*\*\*

ACTO UNICO.

SCENA I.

*A verdade com veste magna, mas singela, em pé calcando os depojos Marciaes, que formão o dito Carro, com ar magestoso: os vicios agrilhoados, sequazes do engano, que em grossas cadeias vem presos ao mesmo carro, que he tirado pelos Vicios, e acompanhado do Povo em duas alas. Todo este Triunfo passa por baixo dos ditos arcos. Desce a Verdade depois do Povo cantar o seguinte.*

CORO

**N**este Día, que o Grão Jove  
A Maria há consagrado,  
Do Sacro Empireo estrellado  
Baixa ao Mundo a doce paz.

O Engano, que illudido  
Tem a cega humanidade.  
Preso ao Carro da verdade  
Em duras cadeias jaz.

Izentai, ó Ceos piedosos,  
A Rainha, o Nosso Amor,  
Do Monstro devorador  
Q' os duros bronzes desfaz.

*Desce do Carro a Verdade: o Povo a vai receber, o qual traz com sigo o Engano preso em grossas cadeias.*

*Verdade.*

Neste Dia o maior de quantos dias  
Há consagrado Jove aos Sacros Numes  
Em que do berço, qu' embalarão Deoses,  
Maria excelsa vio a luz primeira,  
O Grande Jove lá do ethereo Solio  
Em honra das Virtudes refulgentes  
Qu' afaga, e nutre no seu vasto Peito,  
Manda qu' habite a paz no immenso Globo,  
Quer, que seja feliz o Mundo inteiro.  
Vós, Povos do Brasil, qu' aos ternos bafos  
Do Maior dos Sob'ranos já sois Lusos,  
E qu' á luz do clarão, qu' em vós derrama,  
Clarão, qu' a Terna Mãi sabia lh' envia,  
Viveis felizes, respirais ditozos,  
Bem qual planeta, que na esphera brilha  
Dá vida aos Entes, dá alento ás flores  
Com a luz, que lhe manda o Rei dos astros;  
N' hum riso divinal do Ser Supremo  
Hoje o Ceo vos envia a Paz mimosa,  
E unida á ella nos mais ternos laços

\* 5 \*

Ha de ao Mundo tornar a idade d'oiro.  
Eis o Monstro cruel, o torpe Engano,  
Qu' há erguido na Europa o ferreo throno,  
Mordendo os ferros, que infeliz arrastra,  
Trophéo do meu poder, preso ao meu carro.

*Engano.*

Que mais queres de mim? Que mais pertendes,  
Vencedora cruel, Deosa funesta?  
Vês-me sem Sceptro, sem poder, sem throno,  
Preso ao carro fatal do Seu Triunfo:  
Vês meus socios curvados com o peso  
Dos throphéos, que conduzes venturosa  
Ao Templo eterno da immortal Memoria:  
Que mais queres de mim? Queres, que veja  
Teu semblante de gloria coroadado,  
Teu semblante feroz, só agradável  
Aos Numes, que detesto, e qu' aborreço?

*Verdade.*

Suspende-te infeliz: escuta, e treme.

A R I A.

Cahirás aos pes d' Augusta;  
E as Virtudes sublimadas,  
Que terna nutre a seu lado,  
Do Regio Solio elevado  
A cerviz te lãõ de calcar.

Verás blasfemando  
A' sombra do throno  
Em somno mimoso  
O Mundo ditoso  
Em paz descançar.

*Engano.*

O' tormento, ó furor, ó pena, ó morte!  
Ante tantos tormentos não são nada  
Os tormentos, que forja o Deos do Averno.

*Verdade.*

Exultemos, ó Povos, que constantes  
Nos braços sustentais o Luso throno,  
Em qu'o Grande JOAM, o Sabio, o Justo  
Por influxos da Mãi, Que Terna o Ama,  
Enche de gloria o Ceo, d'assombro o Mundo.  
Em quanto a terra canta os meus triunfos,  
Da Nossa Tutelar o Nome excelso  
Nas niveas azas de sonoros hymnos  
Vá o seio tocar do Ser Superno.  
Mas que vejo! Que sacras Divindades  
Em nuvem prateada vem descendo?  
Parece que de gloria coroadas  
Vem seus cantos unir aos nossos cantos.

## S C E N A II.

*Descem sobre huma nuvem Lisia, e o Genio Lusitano de mãos dadas, patenteando transportes de alegria: a Verdade, e o Povo os vão receber, e ao som do retornello descem, e cantão o seguinte*

## D U E T O.

*Lisia.* Nos Lusos lares  
Neste almo dia  
*Genio.* Vive a alegria  
Morre o pezar.  
*Ambos.* MARIA viva  
Qu'em doce effeito  
Em nosso peito  
Tem puro altar.

*Verdade.*

Salve, ó Lisia feliz, Lisia ditosa,  
Fastoza Capital do Luso Imperio,  
Berço d'altos Heroes, que denodados  
Nos Campos Marciaes de gloria cheios  
O Sangue derão pelos patrios lares:  
E Salve, ó Sacro Genio, que do Empireo  
Por ordem, que firmára a mão do Eterno,  
Zélas, vigias, guardas desvelado  
Os fastos divinaes do Luso Solio.

Eis o dia maior dos dias todos,  
 Que formára vaidoso o Rei das Luzes,  
 Desde qu'espalha a Luz no vasto Globo,  
 E que Jove do Solio refulgente  
 Déra a MARIA para bem do Mundo.  
 Neste dia do Ceo o Ceo lhe off'rece  
 O Triunfo maior, que honra seus fastos.  
 Vêde do Engano vil os roxos pulsos  
 Da victoria arrastrando infames ferros,  
 As Serpes assanhando, que raivozas  
 O fero coração lh'estão mordendo.

*Lisia.*

O' divinal Verdade, Mãi mimoza  
 Das Sagradas Virtudes, que MARIA  
 No Grande Coração afaga, e nutre;  
 Em quanto a sã Moral d'ais lastimozosi  
 Enchia o seio dos rochedos duros,  
 E por Systemas vis, qu'o Inferno dicta,  
 Era aos tristes mortaes desconhecida,  
 E qu'a Razão dekalde o facho erguia  
 Com a sagrada luz de todo extincta,  
 Sem templo, sem altar, e já sem culto,  
 Vagava pelo cume d'altas Serras;  
 Que as Virtudes do Mundo abandonadas,  
 Sem lares, sem respeito, sem abrigo,  
 S'escondião tremendo á luz do dia;  
 Foi então, qu'esse Monstro, o vil Engano  
 Desdobrou da perfidia os estandartes  
 Nos altos muros da infeliz Europa.



Convoca os Povos, e de falsas glorias  
 Encantadores quadros lh'apresenta.  
 C'roa a sua ambição de vans promessas.  
 Erguem-lhe templos illudidos Povos,  
 Perfumes queimão sobre seus altares,  
 Mas cedo forão premios de seus cultos  
 Catastrophes, horrores, prantos, mortes.  
 MARIA em tanto lastimando os males,  
 Qu'assolão a infeliz humanidade,  
 Chama a Si as Virtudes desprezadas,  
 E em Seu Peito Real, de JOAM no Peito  
 Culto lhes dá, abrigo, e templo eterno.

*Verdade.*

O' que mimo do Ceo! O' que Rainha!

*Genio.*

Verdade divinal, filha de Jove,  
 Que podeste alcançar a paz ditosa,  
 Qu'em honra de MARIA o Ceo piedozo  
 Para gloria do Mundo ao Mundo envia!  
 Vós, Povos, que cantais as glorias suas,  
 Sem temor maldizei o Montro infido,  
 Qu'ousara profanar as Luzas terras,  
 Por traições, por perfidias, por horrores.  
 Nadando em mares de innocente sangue,  
 Calcando corações despedaçados,  
 Que no Campo sem dono palpitavão,  
 Ufano calca meus sagrados lares,

Profana sem temer as altas torres,  
 E no mesmo lugar das Quinas Sacras,  
 Que pela vil traição forão manchadas,  
 Fez tremular os negros estandartes.  
 MARIA sobre o Peito as mãos cruzando  
 Soccorro implora ao Ceo, que não lho nega.  
 Por Sacra inspiração manda ás Virtudes  
 Vão animar os corações dos Lusos.  
 Eis a Moral lh'entrega o forte escudo,  
 Dá-lhe a Razão as invenciveis armas,  
 Traz-lhe a Amizade nos mais ternos laços  
 Os Britannos Heroes jámais vencidos.  
 A Verdade os anima, e guia ao Campo,  
 Dá-se o combate . . . a victoria he nessa,  
 Foge o Monstro cruel com os seus sequazes  
 Segunda vez assola os Campos Lusos,  
 Foge segunda vez d'opprobrio cheio.  
 Mordendo as Serpes, e rasgando o peito  
 Baixa ao Seio do Averno o Monstro horrendo  
 Convoca as Furias da cruenta Alecto,  
 Fôrma soberbas, horridas phalanges,  
 Poem-lhe á frente os Heroes, que terror forão  
 D'Austerlitz, de Gena, e de Marengo.  
 Os Lusos Campiões da fé nutridos  
 E os Britannos Heroes ao campo correm:  
 A' frente sua marcha a sã Verdade  
 De celestes Virtudes rodeada  
 O Engano raivoso ardendo em chamas  
 Assanha as Furias, que mastigão brazas:  
 Investe sem temor a tropa invicta  
 Das Sublimes Virtudes, que o não temem;

Mas apenas divisa a magestosa,  
 Divina face da Verdade pura,  
 Vacilla, freme, raiva, e cahe vencido.  
 Tres vezes se levanta, mas tres vezes,  
 Empunhando debalde o curvo alfange,  
 Cahe de todo vencido; e agrilhoado  
 Segue o carro, que fôrma o seu Triunfo.  
 Graças aos Ceos, que A' NOSSA SOBERANA  
 Mandarão neste dia a paz mimoza,  
 Paz, que havemos gozar arfando em glorias  
 A' fresca sombra do seu Solio Augusto.  
 Ao som de ternos hymnos, dóces cantos,  
 Vamos, ó Povos meus, ao Sacro Templo,  
 Onde MARIA de JOAM ao lado  
 Tende por baze as candidas Virtudes,  
 Tem throno eterno, tem ethereo assento.

*Terceto concertante com o Coro.*

*Verdade.* Sacro Jove, que raios disparas  
*Lisia.* Contra os impios, que féros te  
 offendem  
*Genio.* E aos justos, que cultos te rendem,  
*Os 3, e o Coro.* Dás em premio o ser d'immortal;  
*Verdade.* Perr.itti, que neste dia  
*Lisia.* A MARIA consagrado  
*Genio.* Ante seu throno humilhado  
*Os 3, e o Coro.* Caia o Engano fatal.

*Verdade.*

Completos não estão os meus triunfos,  
Sem que os altos trophéos, que nos dão gloria,  
Guarneção os degrãos do Solio Augusto.  
Demos de gratidão hum puro exemplo:  
Vamos, ó Povos meus, ao Templo....

Todos

Ao Templo.

*Genio.*

Para gloria do Ceo, terror do Impio,  
Pelo alto poder, que o Ceo me ha dado,  
Aqui vos faço ver o Sacro Templo.

SCENA ULTIMA.

*De improviso se muda a Scena em magnifico  
Templo da Memoria, no meio do qual esta-  
rá hum grupo formado pelas Virtudes, que  
sustentão nos braços os Retratos da RAINHA  
NOSSA SENHORA, e do PRINCIPE REGEN-  
TE NOSSO SENHOR: no alto do grupo es-  
tarão dois genios, segurando hum Diadema,  
que corôa os ditos Retratos.*

*Lysia.*

Vamos, ó Lusos, nos degrãos de Throno  
Render-lhe os corações d'amor nutridos.

Genio.

E tu, Monstro cruel, vai já prostar-te  
Ante a causa feliz das nossas glorias;  
E sem mais blasfemar vai humilhado  
Beijar a terra, qu' as virtudes pizão.

Engano.

Qu' illudidos estais, Monstros ferozes!  
Debalde blasonais de Divindades:  
Eu vos detesto em fim, e não vos temo.  
Maldigo a Jove com os Numes todos:  
As luzes aborreço, adoro as sombras:  
Meu Imperio he maior, que o vosso Imperio.  
Vês de MARIA o Solio Soberano?  
Inda o hei de arrasar . . . .

TODOS.

Caia o Tyranno.

Cahe hum raio sobre o Engano, que o submerge:  
todos se prostrão, e com as mãos erguidas  
cantão o seguinte

T E R C E T O.

*Verdade, e Lisia.* Graças ao Ceo : que venturas  
Sobre nós o Empireo chove !  
*Os Tres.* Já o Mõstro a mão de Jove  
Fez no Averno baquear.

*Verdade, e Lisia.* Os Numes do Olympto ,  
E as aves do ar ,

*Verdade, e o Genio.* Os Entes da terra  
Os peixes do mar ,

*Os Tres.* Já correm ditosos  
MARIA a adorar.

*Verdade.*

Em quanto em hymnos no Sagrado Olympto  
Os Sacros Numes este Dia cantão ,  
E sobre a terra em canções sonóras  
Vai de MARIA o NOME honrar os astros ;  
Gritemos com a fé mais excessiva :  
Em gloria de JOAMÍ . . . .

T O D O S.

MARIA, VIVA!

C O R O.

Dai, ó Ceos, á Nossa Augusta  
A gloria, qu' eterna dura,  
Bem como a nossa ventura  
D'alto throno eterna faz.

Pêndão de seu aureo Solio  
Os trophéos d'altas victorias,  
E á sombra das suas glorias  
Goze todo o Mundo a paz.

F I M.